O CENTENÁRIO DO PADRE FRANCISCO LINO ADERALDO *

F. ALVES DE ANDRADE

No próximo dia 23 de setembro ocorrerá o Centenário de PADRE FRANCISCO LINO ADERALDO que o INSTITUTO DO CEARÁ hoje comemora.

Naquela data nasceu o Padre Lino em Mombaça, nos remotos tempos de 1882, vindo a falecer em Fortaleza, a 18 de julho de 1941, com 58 anos de idade.

Filho do Cel. José Aderaldo de Aquino, tabelião público em Mombaça, durante 52 anos, mui respeitado e acatado chefe político, e de D. Ana Joaquina Aderaldo e Silva.

Ambos, rebentos dos ancestrais fundadores de Mombaça, o nosso homenageado deles recebeu esmerada educação do lar até a escola. É figura altamente representativa de nossa tradicional e sempre admirável nobreza rural.

A seu respeito, por ocasião da trasladação dos restos mortais do nosso conterrâneo, de saudosa e grata memória, proferi na sede daquele município, conferência que foi depois publicada na Revista do Instituto do Ceará, Tomo 89 — Ano de 1975.

Naquela trasladação para a Matriz de Nossa Senhora da Glória, em Mombaça, a 16 de outubro de 1976, houve uma verdadeira consagração de amizade por parte do povo e famílias de nossa terra a seu estimado filho, cujo respeito e

(*) Discurso proferido no Instituto do Ceará, na sessão especial de 20.9.1982, Comemorativa do Centenário de nascimento do Padre Francisco Lino Aderaldo.

admiração constituem o eterno e histórico sentir dos mais altos valores humanos.

O que escrevi e consta de separata foi o que de melhor produzi de minha lavra e labor cultural. E sendo aquele trabalho, com o título de **O Presbítero e os Sertões,** não apenas uma mensagem sentimental, mas uma tentativa de interpretação sociológica, faremos hoje a nossa homenagem, procurando, em breve comentário, centralizar o aspecto projetivo de nossa interpretação.

Repetiremos aqui que PADRE FRANCISCO LINO ADERALDO, inteligente, imaginoso e sempre cordial, de temperamento ativo, era muito mais dotado de nobreza natural, de elegância e bondade de seus pais.

Sertanejo, era também altivo, um valor emergente dos que, sem tombar para a violência, fazia de sua Igreja e de sua religião o traço de fraternidade e amor cristão entre os homens.

Matriculou-se no Seminário da Prainha a 1.º de março de 1894, seguindo depois para o Maranhão, onde ordenou-se Presbítero a 25 de março de 1905 em São Luís. Foi Vigário de Brejo, de 1906 a 1920. Do Maranhão quis voltar para o Ceará, tendo-se escardinado para a Arquidiocese de Fortaleza. Depois de pouco tempo passar como Vigário de Cascavel e Pacoti, fixou-se em Senador Pompeu que paroquiou de 1921 a 1941, ano em que faleceu.

Em suas atividades administrativas do munus eclesiástico, reconstruiu a Igreja de Senador Pompeu dando-lhe feição moderna, como um dos mais belos templos do sertão cearense. Um tanto hoje deformado, era uma cópia arquitetônica da Igreja do Carmo, em Fortaleza. Um tanto caprichoso enfrentou com coragem tempos de escassez, pois a construção de um templo moderno era então tarefa ousada. Assim investiu sua própria economia naquele templo, bem assim em seus ornamentos e alfaias. Procurou melhorar e reparar as capelas de **Piquet Carneiro, Encantado** e **Miguel Calmon,** hoje Ibicuan e outras.

Nos idos tempos da Liga Eleitoral Católica foi levado a envolver-se na política local, exercendo as funções de Chefe da LEC. Desse às vezes conflitante e perigoso labor político, a única compensação auferida fora o encargo de Inspetor Escolar, serviço relevante, pois que não remunerado, tendo porém a oportunidade de fazer construir naquela importante cidade, cabeça do Sertão Central, vizinha a sua terra natal, o Grupo Escolar Martins Rodrigues, nome dado em homenagem ao Prof. José Martins Rodrigues que tanto serviu administrativa e socialmente ao Ceará.

* * *

Nestes cem anos decorridos do nascimento do Presbítero, Francisco Lino Aderaldo, muitas ocorrências mutantes de comportamentos, usos e costumes, religião e política exibem um painel sociológico que não pode ser visto apenas em ordem simplesmente descritiva, ausente de interpretação científica. Muitos dos nossos historiadores têm-se afogado na crônica dos fatos, sem talento ou sem cultura para adentrarem-se no emaranhado complexo da dinâmica social.

Temos escrito que a posição do sacerdote católico na comunidade primitiva dos sertões não deverá ser estudada à base de preconceitos ou ortodoxias mesmo religiosas a condenar frente ao místico o profano. Impõe-se examiná-lo como homem, no quadro da solidão envolvente. Ora, os padres são assistentes cristãos do povo. Da luta que empreenderem deveremos julgá-los em face dos perigos e dificuldades que enfrentaram; pelo bem que fizeram, apesar de tudo.

O presbítero faz parte da comunidade e nela se integra sob recíprocas influências. Uma delas é a política. Muitos são arrastados ou nela se vêem envolvidos. Se a própria Igreja sempre tocou as lindes do interesse político de há séculos envolvendo-se, ora levada a envolver-se no poder temporal, como evitar a tangência dos círculos nas áreas de concordância ou

discordância? Desde Cristo que o dar a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é do Deus sempre foi um enigma.

As forças encasteladas dos presbitérios, nos tempos coloniais, como ainda hoje, se vêem obrigadas a tomar posição diante dos pretórios. E os clérigos são de carne e osso. Se alguns, intransigentes ou radicais, do ponto de vista ortodoxo, ou místico, os querem inteiramente omissos, na ala dos anjos, mostra-nos a realidade que eles são homens, naquela significativa expressão de Terêncio: **homo sum, humani nihil a me alienum.**

No tempo de Padre Francisco Lino Aderaldo, como e por que foi criada a Liga Eleitoral Católica, em que os padres foram arrastados ao turbilhão político? Teria sido um precedente a luta pela justiça social, o clarão da **Rerum Novarum,** ou a anacrônica figura da ordem estrutural vigente? A vida intelectual, social e política se caracterizara no Brasil, diz Fernando Azevedo, por uma interpenetração da Igreja e o século. E Luís Martins, em seu animado livro, **O Patriarca e o Bacharel**, atina que este País se portava "como um sólido amálgama social em que todas as forças influentes se auxiliavam mutuamente, unidas, paralelas, solidárias: clero, política, magistratura, família, economia, latifúndio, — num vasto edifício..."

Passados cem anos em que, de envolta, tantas ondas se encapelaram e depois rolaram mansas sobre a areia, quando o patriarcado rural e urbano parecia harmonizar abscônditas anantíteses na dialética da História, de João XXIII a João Paulo II volta a Igreja a propor ao homem não uma passividade mítica ou mística. É João Paulo II quem, em sua nova Encíclica, **Laborem Exercens**, assevera que "a Igreja considera tarefa sua fazer com que sejam sempre tidos presentes a dignidade e os direitos dos homens ao trabalho, estigmatizar as situações em que são violados e contribuir para orientar as aludidas mutações, para que se torne realidade um progresso autêntico do homem e da sociedade. O trabalho se encontra no centro da

questão social." (Encíclica LABOREM EXERCENS — Trad. Edições Paulinas — Introdução 1 e 2 pág. 11).

Sem querer levantar polêmica, mas firme em convicções e experiências, diremos a esta altura que nossos estudos já não podem nem devem optar por uma atitude marginal; nem o cristão, muito menos o Presbítero, que é um **alter Christus**, e Jesus clamava contra os escribas e os fariseus, podem continuar de costas para os homens, pensando que, assim, estão de frente para Deus.

Um tratamento de natureza sociológica e também religiosa está clamando por uma revisão, dentro da qual, a fraternidade e o amor, a colaboração participativa de todos à luz do Evangelho, em sua pureza e integridade apagarão as dissensões, fazendo começar na própria Terra o reino de Deus, reino que há de vir pelo humanismo cristão dos homens.

Em O PRESBÍTERO E OS SERTÕES, tomando como centro de interesse a personalidade ímpar de Padre Francisco Lino Aderaldo, fizemos peão na paisagem e no homem, dando a conhecer os velhos troncos familiares, em que se aglutinaram famílias vindas dos sertões de dentro e dos sertões de fora. Traçamos o perfil do clérigo sertanejo e focalizamos a comunidade e o Presbítero.

O painel telúrico daquele humanismo somente poderá melhor ser alcançado pela poesia, motivo por que tudo isso se contém no poema que escrevi com o título de SAGA DOS SERTÕES DE MOMBAÇA.

A História da Igreja entre nós não poderá ser feita ou traçada de forma simplesmente descritiva, rígida, numa ortodoxia unilinear. Há que atender (perdoem-me a expressão) à cosmovisão e critério sociológico sob pena de pouco ou quase nada representar para a vida.

Em muitos pontos, em muitas linhas ela acompanhará a história dos sertões que é o caminho batido pelo **homo rusticus**, dependente dos vínculos concretos da natureza, levado pelo dinamismo de superar o meio hostil e de afirmar-se. As-

sim, ele transmite, de comunidade a comunidade, o seu conhecimento e experiência da vida, seus hábitos adaptativos, suas técnicas rudimentares, sua filosofia da existência, sua conduta e normas de ação. A sociedade rural é porém nimiamente ágrafa, tradicional. Os laços da tradição se acham em primeiro plano: como entendê-la, como interpretá-la, sem tal estilo de comunicação?

Em conclusão: convém ouvir a crônica dos fatos na torrente da tradição, fazer o levantamento das famílias, colher no povo o seu testemunho, beber a linfa das estórias e episódios de sabor popular, levá-los à pauta dos documentos, sim, mas sem pretender esquecê-los ou repudiá-los por falta ou exigüidade de prova material sensível.

Eis que, aquela face positiva dos valores humanos não pode ser tratada com a frieza de uma anáise matemática, nem com os alinhamentos abstratos dos levantamentos genealógicos sem a crônica qualitativa da vida daqueles sertanejos que os embassa.

Daí por que em nosso estudo procuramos situar o Padre Francisco Lino Aderaldo como um dos descendentes dos fundadores dos Sertões de Mombaça.

As origens das famílias que povoaram os Sertões de Mombaça estão documentadas curiosamente em interessante trabalho que o Tabelião Augusto Tavares de Sá e Benevides publicou no T. 61 da Revista do Instituto do Ceará pp. 247-270, ano de 1947.

Não nos deteremos neste aspecto genealógico cercado de alguns episódios que tradicionalmente caracterizavam os Aderaldos, que são Lemos de Almeida, Gonçalves de Carvalho e Marques Brasil, emaranhados na trama primitiva dos colonizadores daqueles sertões.

Além da paisagem física e dos ligamentos humanos, procuramos mostrar o Seminário da Prainha como berço da formação inicial de Padre Francisco Lino Aderaldo que ali se matriculara a 1.º de março de 1894. No Álbum do Seminário

de Fortaleza ele figura com o número 821, ao lado de seus parentes Francisco Gonçalves de Carvalho (aluno n.º 819); José Francisco de Albuquerque (aluno n.º 822); José Gonçalves Torres Pamplona (aluno n.º 820).

Os três primeiros eram parentes bem próximos de Padre Lino, enquanto José Francisco de Albuquerque, que depois veio assinar-se acrescentado o sobrenome de Militão, foi o latinista e advogado, profundo conhecedor dos sertões cearenses, que deixou o Seminário de Fortaleza nas proximidades de ordenar-se sacerdote, conhecido por José Militão.

A escolha do Seminário para fazer educar os jovens das famílias do interior cearense firmou-se como uma tradição até o meu tempo e suas adjacências. Para alí entrei em 1927, vindo de Mombaça, acompanhado de Pedro Gonçalves de Carvalho, parente de Padre Lino e depois, um seu sobrinho, Álvaro Aderaldo Chaves, hoje conceituado médico no Rio de Janeiro, completando a quadra, de Mombaça veio depois Edmilson dos Santos Aires, que alí permaneceu cursando preparatórios, tendo-se formado em Direito, sendo hoje conceituado advogado no Ceará.

Por ocasião do Centenário comemorativo da fundação do Seminário de Fortaleza, em outubro de 1964, fui orador oficial, representando a Universidade Federal do Ceará, tendo lido na Concha Acústica da U.F.C. a Síntese histórica que proferi, publicada com o título de "O Seminário de Fortaleza e a Cultura Cearense" na Revista do Instituto do Ceará T. XXXIX-1967.

Juntei àquela Sintese, notadamente na Separata da Revista, os resultados de uma pesquisa que fiz junto aos arquivos do velho e saudoso Seminário, mostrando que na centúria de 1864 a 1964, passaram pelo Seminário da Prainha nada menos de 4.100 alunos, dos quais apenas 17% ordenaram-se padres, num total de 677, sendo 510 procedentes do Ceará. A maior parte, 83% destinaram-se ao universo de atividades leigas no engrandecimento do país.

A História da Igreja no Brasil não poderá ser feita sem a História dos Seminários. No Nordeste pode-se situar duas lideranças culturais dessas casas tradicionais: uma, oriunda do Seminário de Olinda que produziu os clérigos liberais de 1817 e de 1824, que eram na conceituação de Gilberto Freire uns bachareis de batina. Um bacharel de batina e depois de toga por ser também bacharel de verdade foi o Senador Pompeu. Em relação ao Nordeste seco o Seminário de Fortaleza rasgou novos horizontes que são os do atual humanismo solidarista do século XX, humanismo que aqui desembarcou com os padres lazaristas da Congregação da Missão, senhores e senhoras da caridade, herdeiros de São Vicente de Paulo.

Escrevemos que se o Seminário de Olinda nos deu os Padres Alencar e Pompeu, o Seminário de Fortaleza nos deu Dom Helder Câmara, cujo talento se erguia sobre os paredões e muralhas do claustro debatendo a Rerum Novarum e a Quadragésimo Ano, analisadas por professores e alunos. Fundara-se o Centro de Estudos São Tomás de Aquino e enquanto se filosofava com a escolástica e o tomismo, aprofundando-se em Santo Tomás e Aristóteles muitos seguiam os debates do integralismo e da Legião Cearense do Trabalho.

Padre Francisco Lino Aderaldo não alcançou este tempo, pois desde muito seguira para o Maranhão onde se ordenou em 1905, ungido por Dom Xisto Albano. Cremos que do Seminário da Prainha levou algum espírito social e fraterno e com ele voltou para o Ceará.

Se difícil é escrever a História da Igreja sem os Seminários, mais difícil ainda é fazê-lo sem os seus clérigos, os de ontem e os de hoje. Os de ontem saiam da velha, nobre e patriarcal estirpe, vinculada à terra, rebento dos seus troncos familiares. Os de hoje, um tanto desenraizados, mas em interação com a problemática da vida, devem ser estudados e vistos no quadro do seu tempo.

Escrevemos e repetiremos ainda agora, a posição do sacerdote sertanejo não deverá ser estudada à luz ou melhor, à som-

bra de preconceitos, mesmo religiosos, místicos ou míticos. Estão esquivos ou está faltando o historiador não apenas descritivo, à moda dos documentos, apegados aos fatos e datas, mas o explicativo, o intérprete que revolva e examine a sociologia da história.

A esta altura já não podemos deixar de aqui transcrever aqueles conceitos do historiador e confrade neste Instituto, o Comendador Luís Sucupira: "No interior foi sempre o padre o centro de convergência dos anseios, dos interesses e das esperanças dos habitantes, abandonados pelo poder público. Entre eles o sacerdote não exercia apenas as funções de vigário. Eram conselheiros, os guias, os confidentes e normalmente mestres-escolas, funcionavam como pedra de toque da paz, da ordem e da harmonia social." (Rev. do I. C., T. 88, p. 107 — 1974)

Padre Lino Aderaldo! Estou a revê-lo em um Álbum de família, organizado por minha tia Maria Umbelina Paes de Andrade, para quem os filhos e filhas do Cel. José Aderaldo de Aquino eram como seus irmãos. Alí estavam os retratos de todos.

Uma filha do Cel. José Aderaldo casara-se com o meu tio, Cel. Raimundo Rocha Andrade, e este estava no álbum, metido em sua farda de Capitão da Guarda Nacional, enquanto ela, em sua blusa de rendas, como moda de decotes em sumo recato até o pescoço, fixara o olhar na etérea distância, com a inocência de quem muito cedo se foi deste mundo.

Em uma página só estava o retrato de Padre Lino, o irmão, no dia de sua primeira missa, num quase sorriso de plácido otimismo, na primavera dos seus 22 anos, vestido num roquete branco de gripire que a mão materna bordara para aquele dia em que ao jovem cumpria entregar completamente a Deus a sua juventude.

Nas outras páginas seguiam-se os coronéis amigos, os guardiões de minha terra natal, valentes e leais, apenas separados nos dias de eleições, mas sempre unidos com as respec-

tivas famílias, na hospitalidade dos gestos generosos, assistidos por seu pároco, ouvindo dele a lição da fé, da esperança nas adversidades e fraternidade e amor.

O jovem padre Francisco Lino Aderaldo quis vir definitivamente do Maranhão para o Ceará. E não podendo paroquiar a sua terra, a então vila de Maria Pereira, que se achava provida por meu tio e preceptor Padre Pedro Leão Paes de Andrade, seu amigo, veio reger a paróquia de Senador Pompeu, vizinha ao seu torrão natal, que é também sertão de Mombaça.

Naqueles tempo, Senador Pompeu era tomada de imprevistos assaltos por dois irmãos em freqüentes disputas pelo poder político do município e desavenças por questões de terras. Padre Lino fez-se amigo do mais rebelde, o Cel. Zequinha Magalhães, da Fazenda Contendas, desafeto do seu irmão Ananias Magalhães. Contam que o Padre, em certa briga, tentou apaziguar-lhes os ânimos, exigindo de Zequinha que lhe entregasse a faca com que este pretendia matar o seu irmão.

Viviam aqueles ministros do Senhor entre os conflitos da vida rústica, os desentendimentos das famílias, os desforços pessoais não raro à mão armada, e o dever que tinham os parócos de unir aconselhando, e abençoar as comunidades rústicas do berço ao túmulo.

Eram todos eles religiosamente respeitados, mas, algumas vezes atacados, compungidos quando se envolviam nos conflitos da política local ou procediam assim colocando-se então entre as partes como as mãos entre as pedras.

Um outro episódio é que estando para morrer um seu adversário político, o médico Dr. Alcides Barreira, este mandou chamar o Padre Lino para confessar-se.

A História da Igreja há que ser reconstituída no Brasil não apenas com o aspecto descritivo dos documentos, mas a eles devem-se juntar os tópicos da tradição, a exemplo da formação e relacionamento dos clérigos nas comunidades.

No Centenário de Padre Francisco Lino Aderaldo é bom que se reviva um pouco de sua biografia ao lado da biografia dos clérigos de seu tempo em meio a comunidade sertaneja do Ceará.

Pode-se dele dizer que foi um sacerdote querido do seu povo no desempenho do munus paroquial. Olhou a vida de frente, soube ser desprendido e corajoso tendo ímpeto daqueles seus avoengos, desbravadores dos Sertões de Mombaça e pioneiros do desenvolvimento rural, cujo sonho lateja na memória dos que amam sempre a terra do berço onde nasceram.